

**POSSÍVEL CONTRIBUIÇÃO DA *PRAXIS* AO DESAFIO DA ECOLOGIA***A possible contribution of praxis to the ecology challenge***Maria do Carmo Bettencourt de Faria<sup>1</sup>**

Doutora em Filosofia

**RESUMO:** Pretendemos aqui enfrentar, na medida do possível, três questões que emergem na marcha do pensamento ocidental: a concepção da natureza que manifesta em si uma ordem harmônica e inteligível, diante da qual só é possível a atitude de admiração contemplativa própria da antiguidade, que se perde na modernidade. A lógica linear cartesiana e sua ambição de dominar a natureza fazendo do homem um ser doente de sua racionalidade, marca da modernidade. A busca por uma saída para o beco em que se encontra a humanidade e que exige a difícil senão impossível harmonização da tecnologia e da economia com a ecologia, recolhida por uma ética ainda a construir – desafio a que se lançou H Jonas. Aparentemente nos oferece uma pista ao propor o resgate da ética aristotélica. A grande contribuição desta ‘aretologia’ residiria no conceito de ‘prudência’ (*phronesis*), mas queremos ampliar este resgate e propor uma reflexão sobre o que representa o outro paradigma que Aristóteles desenha ao lidar com a complexidade da *práxis*. Se a devastação da terra evidencia o esgotamento do modelo da ciência/tecnologia herdeiro da Metafísica e de sua lógica imanente, a exploração deste outro paradigma que lida com a complexidade do contexto abrindo espaço para a emoção e o desejo, e que sabe que só pode, quando muito tangenciar a verdade, merece, no mínimo, um momento de nossa reflexão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hans Jonas; Aristóteles; Práxis.

---

<sup>1</sup> Conferência apresentada II Seminário Hans Jonas da UFRJ - 7a 9 de dezembro de 2016 – Rio de Janeiro, IFCS

“E com o homem, é o mundo inteiro que se arruína e se torna doente, é a vida na sua totalidade que é depreciada”  
(in *Deleuze*: Nietzsche)

Tomo aqui, como ponto de partida, os dois textos abaixo:

É esta a situação do ser humano. Foi-se o *Cosmos* com cujo *Logos* imanente meu *logos* podia sentir-se aparentado; foi-se a ordem do todo, onde existe um lugar para o ser humano. Este lugar aparece agora como puro e incompreensível acaso<sup>2</sup>

Nessas condições, eu me pergunto se um retorno ao pensamento grego não poderia nos proporcionar elementos de solução e se a invenção aretológica<sup>3</sup> requerida pelos desafios modernos da técnica não deveria consistir, ao menos num primeiro momento, em reatualizar um modelo aretológico antigo que – não por acaso – foi expressamente rejeitado pela moral kantiana: penso na virtude aristotélica da *phronesis* – prudência. (*Klugheit*).<sup>4</sup>

No prefácio de sua obra, *O Princípio Responsabilidade*, H Jonas, face ao imenso poder conquistado pelo Homem graças aos avanços da ciência e da tecnologia, clama por “Uma ética que por meio de **freios voluntários**, impeça o poder dos homens de se transformar em uma desgraça para eles mesmos”.<sup>5</sup>

Neste sentido, ele tanto apela para uma “heurística do medo”<sup>6</sup> como propõe uma recuperação da dimensão metafísica e a retomada “das antigas questões sobre a relação entre ser e dever, causa e finalidade, natureza e valor”<sup>7</sup> e confessa ter consciência de que enfrenta “um objeto extremamente atual com uma filosofia nada atual, quase arcaica”<sup>8</sup>.

Não estaríamos então tão longe da proposta de Aubenque, de uma retomada do antigo conceito de prudência, analisado por Aristóteles na sua *Ética a Nicômaco* e que foi rejeitado pela ética kantiana “não por acaso”<sup>9</sup>.

<sup>2</sup> Jonas Hans: **O Princípio Vida – Fundamentos para uma biologia filosófica**, Petrópolis, Vozes, 2004

<sup>3</sup> Arete (gr.) = virtude

<sup>4</sup> Aubenque Pierre: **Um modèle aristotélicien pour l’eco-éthique** in **Problèmes Aristotéliens**, Paris, Vrin, 2011. Com seu livro sobre a **Prudência em Aristóteles**, Aubenque renova a leitura e interpretação da ética de Aristóteles.

<sup>5</sup> Jonas, Hans **O Princípio Responsabilidade**, Rio, Contraponto-PUCRio, 2006 – Prefácio.

<sup>6</sup> Idem ibidem

<sup>7</sup> Idem ibidem

<sup>8</sup> Idem ibidem

<sup>9</sup> Aubenque, op. cit. Cf. igualmente **La Prudence chez Kant**, Revue de Métaphysique et de Morale.

O objetivo do presente trabalho, então, é o de refletir sobre a proposta de Aubenque e, para isto, retomar em grandes linhas a Ética de Aristóteles, sua análise da *praxis* e seu conceito de prudência; refletir sobre a rejeição desta ética na Idade Moderna que a trocou por uma ética puramente racional que consagra a reciprocidade e por fim, refletir sobre necessidade/possibilidade de recuperação do antigo conceito de prudência, numa ética da responsabilidade.

A Ética aristotélica está estreitamente articulada à sua Metafísica. Deixaremos aqui de lado a questão se devemos ler a Metafísica a partir da Ética ou vice-versa, mas o certo é que, Apesar de Aristóteles sublinhar a distância entre os dois campos, a diferença entre os dois objetos – o Ser e o agir virtuoso; ou o mundo da natureza e o mundo dos homens – e conseqüentemente a diferença de métodos, as duas esferas são como os dois batentes de uma única janela, ou as duas faces de uma mesma moeda. A imagem das ondas circulares que se formam a partir do choque da pedra com a água, cujo movimento se transmite de uma a outra, ilustra a articulação que pode ser encontrada entre os diversos planos do pensamento de Aristóteles.

Segundo o que nos diz Aristóteles, a Filosofia surge do ‘espanto’ *Tháumazein*’ diante do maravilhoso. Este espanto pode ser interpretado a partir das palavras de Heráclito: ‘Tudo é Um’ (*ben panta einai*). “O Um em si mesmo diverso” (*en diapheron eautô*)<sup>10</sup>

A descoberta da conexão entre todas as coisas revela o nexos - o ‘*logos*’ - que envolve tudo quanto há e que ao mesmo tempo dirige o fluxo eterno do Vir a Ser. Mas este *Logos* ainda não é ‘lógico’, não obedece ao princípio da não contradição: claro e escuro, vida e morte, imóvel e mutável, ser e não ser coexistem, se enfrentam e combatem num eterno fluir. E o *logos* humano deve abrir-se, e ‘pensar-com’. O combate entre os opostos, como uma dança, obedece a uma ordem. O Todo é um Kosmos, um todo ordenado, harmonioso, onde se combinam o fluxo e a permanência e onde a identidade permanece na e pela mudança. O mesmo rio, sempre outro. “Harmonia das tensões opostas, como a do arco e da lira”<sup>11</sup>. Entre a madeira e a corda, a tensão se estabelece e dela surge a harmoniosa melodia, a eficiência do tiro. Laço e combate; justiça e discórdia; tensão e harmonia. A permanência, a imobilidade, a identidade, são momentos fugazes de equilíbrio; precário e instável equilíbrio entre tensões opostas que logo se rompe para se refazer em outra parte. Como não ser tomado pelo espanto diante destes pensamentos?<sup>12</sup>

A essa intuição primeira da Filosofia junta-se outra: a imutável, eterna, única identidade do Ser, proclamada por Parmênides. A razão o exige; entre o Ser e o Nada nenhuma ponte é

<sup>10</sup> Kirk e Raven **Os Filósofos Pré Socráticos**, Lisboa, Fundação Colouste Gulbenkian /1979/ frgs 199 e 206

<sup>11</sup> Kirk e Raven op.cit. Frg 212

<sup>12</sup> Não queremos com isso dizer que Heráclito seja a fonte determinante do pensamento aristotélico.

possível – “Nem de Não Ente permitirei que digas e penses; pois não dizível nem pensável é que não é”<sup>13</sup>

Ao invés de pensar o-que-é-com, (Heráclito) é preciso separar a verdade da aparência, distinguir entre si os dois caminhos, da Verdade e da Opinião: revelação divina, que conduz o homem e o protege da ilusão e do falso. Neste sentido, Heráclito teria se afastado da trilha da Verdade, e, como os “mortais de duas cabeças”, trilhado o caminho enganoso da opinião.

A pluralidade, a diferença, o movimento e a mudança não passam de mero jogo de luzes e sombras. A luz que incide sobre a lua, sempre igual, sempre a mesma, faz parecer que ela nasce e morre, cresce e decresce – o mesmo efeito se reproduz em toda parte iludindo os “pobres mortais”<sup>14</sup>.

Contra a evidência dos sentidos, a frieza do raciocínio lógico – impossível pensar a mistura de ser e não ser. Nega-se então realidade da pluralidade, da mutabilidade, do fluxo, ao mesmo tempo em que se afirma o Ser Único em sua perfeita identidade. “O mesmo que permanece o mesmo e em si repousa”<sup>15</sup> Bloqueia-se o acesso da Filosofia, submetida a tais exigências lógicas, à concretude, à diversidade e à realidade palpável do instável e inseguro mundo dos homens objeto da mera opinião.

Seja por Heráclito, seja por Parmênides, o paradoxo se instala no âmago do pensamento nascente. O ceticismo espreita ao final do caminho.

A solução dualista proposta por Platão, na tentativa de superar tal paradoxo é descartada por Aristóteles. O mundo ideal de arquétipos perfeitos capaz de oferecer um fundamento seguro à ação dos homens e suas escolhas, é negado. Uma nova Metafísica é requerida que por sua vez, possibilitará o surgimento da ética como esfera autônoma, que deverá encontrar no próprio mundo do homem (*ta andrúpina*), os critérios e a medida da ação virtuosa.

Já muito se disse que Aristóteles permanece platônico em sua Metafísica mas se aproxima dos sofistas no plano da Ética. O próprio Aristóteles assinala a diversidade dos objetos e, como dissemos, a distância, a autonomia, a diversidade de métodos nos dois campos. Mas entre eles um laço, uma ponte, um elo se estabelece: a teleologia.

E essa mesma teleologia, detectada também por Hans Jonas no plano da natureza orgânica e reintroduzida na abordagem científica, permitirá talvez a articulação procurada no escopo deste trabalho. “A tendência [*da natureza*] a uma finalidade, manifestada em suas realizações (...) deveria estar incluída no conceito de causalidade física.”<sup>16</sup> “Em suma, uma

<sup>13</sup> Idem, frg. 347

<sup>14</sup> Cf. Popper K. **O Mundo de Parmênides**, S Paulo, UNESP, 2014

<sup>15</sup> Kirk e Raven op.cit. frg.350

<sup>16</sup> Jonas, H. **O Princípio Vida, Fundamentos para uma biologia filosófica** Petrópolis, Vozes, 2004

doutrina da emergência [*do novo*] só pode ser sustentada, em termos lógicos, em associação com uma ontologia *grosso modo* aristotélica.”<sup>17</sup>

Em sua minuciosa observação da natureza, Aristóteles repete o bordão: “A natureza nada faz em vão”<sup>18</sup>: “No início da investigação temos que postular os princípios que invocamos constantemente no uso de nossa investigação científica da natureza que devemos tomar como garantidos em virtude de seu caráter universal que aparece em todos os trabalhos da natureza. Destes, um é que a natureza não cria nada em vão, mas visa o melhor possível em cada espécie dos seres vivos com referência à sua constituição essencial. De acordo com isto se um modo é melhor que outro, esse será o modo da natureza.”<sup>19</sup>

Este princípio, detectado na observação da própria natureza, se estende aos planos ético e metafísico. Por ele podem se articular os diferentes campos da Filosofia apesar da diversidade de seus objetos e dos métodos mais adequados para estudá-los.

Esta tendência de todas as coisas em direção a uma finalidade, aparece no âmbito das ‘coisas humanas’ na forma de desejo: Assim a ética se abre com a proposição: “Toda arte, toda pesquisa e toda ação tendem para algum bem (...) e por isso se declara com razão que o bem é o que todas as coisas tem em vista”<sup>20</sup> Da mesma forma a Metafísica afirma em seu primeiro Livro: “Todos os homens desejam por natureza, o saber”<sup>21</sup>

Na Física e na Metafísica, entre as causas que devem ser levadas em conta para que se atinja o conhecimento de um ser, figura a causa final, aquilo em vista do que o movimento se dá; aquilo para o qual tende o ente em sua realização progressiva. Entre as quatro causas (matéria e forma, motor e fim) é o fim que sobre determina as demais causas: não se faz uma serra com barro, não se constrói uma escada se não houver um segundo andar. Tanto a matéria como a forma se determinam em função de uma finalidade que, no plano dos movimentos naturais (dos entes que tem em si o princípio imanente do movimento) é o próprio motor. É a grande novidade apresentada por Aristóteles face aos pensadores que o precederam. O que move em última análise um ser é a finalidade buscada, finalidade que se identificará, com a realização plena de si mesmo, com a plena atualização de suas potências.

Com o binômio potência/ato, articulado às quatro causas, Aristóteles tem em mãos o conceitual teórico necessário à superação do paradoxo posto por Heráclito e Parmênides.

---

<sup>17</sup> Idem, **O Princípio Responsabilidade** Rio de Janeiro, Contraponto: PUC RJ 2006

<sup>18</sup> Cf, São diversas as passagens em que a mesma constatação é reiterada, tanto na Física como nos pequenos tratados sobre a natureza conhecidos como *Parva Naturalia*.

<sup>19</sup> Aristóteles **The Progression of Animals** – The Complete Works of Aristotle Ed. Jonathan Barnes, – EUA Princeton University Press, 1985

<sup>20</sup> Aristóteles, **Ética a Nicômaco** 1094<sup>a</sup>1

<sup>21</sup> Idem, **Metafísica** 980<sup>a</sup> 1

Os entes são em última análise, um projeto de si mesmos; contêm em si, potencialmente tudo o que podem vir a ser no decorrer de sua existência temporal. A forma, potencialmente contida na matéria, dela se apropria progressivamente e tende espontaneamente para sua atualização, desde que encontre as condições necessárias para tal. Seja no plano humano, seja no plano da natureza o ser é o que era para ser. (*to ti en einai*)

A mesma ordem natural, imutável e eterna se renova continuamente no processo de geração/ corrupção (*genesis/phtora*)<sup>22</sup>, pois, se o composto é corruptível, o mesmo não se dá com a matéria nem com a forma, eternas. Diante da *Physis*, cabe ao homem apenas a possibilidade de conhecê-la; de contemplá-la descobrindo suas articulações, suas razões e causas.<sup>23</sup>

Enquanto ser da natureza o homem se inscreve na mesma dinâmica e seria possível pensar aqui uma ética “naturalista” – deixar que a natureza siga seu curso, e o homem tenderá espontaneamente à autorrealização; ao bem. (Rousseau em Aristóteles)<sup>24</sup> Aristóteles, no entanto, estabelece uma distinção entre as potências irracionais e as racionais. Se a potencia é sempre potencia de contrários, as primeiras - encontradas em todos os entes da natureza - operam espontaneamente tendendo sempre à realização de um contrário e deixando surgir o outro pela falha, pela não realização (o fogo sempre aquece enquanto o frio só ocorre com a sua ausência). As potencias racionais, ao contrário realizam-se em um ou outro dos dois contrários (o médico que sabe curar sabe também matar) e a realização de um dos contrários exige a deliberação e a escolha. E é só no ato, que a potência se revela.

Há assim uma diferença fundamental entre o mundo da natureza e o mundo do homem (*ta andrúpina*). Aqui não encontramos mais uma ordem universal, eterna e imutável, mas um tatear dos homens, “animais políticos”, em busca da melhor forma de conviver. É o reino da *doxa* objeto da dialética que, senão permite a demonstração rigorosa a partir de premissas assentadas como verdadeiras, permite ao menos depurar a opinião de suas contradições aproximando-se assim da verdade. Se há aqui uma tendência natural para a verdade e o bem, como indica a primeira proposição da Ética citada acima, essa tendência só se realiza por meio dos atos humanos que dependem da avaliação, da deliberação, da escolha e do desejo.

No campo das ações humanas uma nova diferenciação é estabelecida, que nos interessa aqui particularmente. Elas se dividem por duas esferas distintas: *poiésis* e *práxis*: produção e ação -

<sup>22</sup> O movimento descontínuo da geração/corrupção só ocorre no âmbito do mundo sublunar e restaura de algum modo a circularidade do movimento celeste, contínuo e eterno.

<sup>23</sup> Aristóteles como em geral, os gregos, ignoram a noção de um tempo linear, trazida pela tradição hebraico cristã. No ciclo, passado e futuro acabam por encontrar-se.

<sup>24</sup> Bettencourt de Faria, Maria do Carmo – **Ética do Bem ou Ética da Prudência** – Seminário Sênior IFCS/UFRJ, setembro 2013 (inédito)

uma dirigida pela arte (*techné*) outra, pelos costumes e tradições, (*ethos*).<sup>25</sup> Seja no campo da arte, seja no da *praxis*, as ações decorrerão da atualização de potências inatas, e resultarão em novas potencialidades adquiridas graças a “esforço e exercício”.

A arte (*techné*) corresponde a uma etapa intermediária na conquista do conhecimento científico e se situa entre a experiência (*empíria*) acumulada pela memória, intransmissível, e que apenas constata o fato, e a ciência (*epísteme*) que busca o conhecimento através das causas ou razões. Transmissível, desinteressada e inútil, a ciência responde à sede de saber natural do homem.

Como a experiência a arte atua no concreto do fazer, do acontecer, da operacionalidade; como a ciência, precisa articular efeitos e causas, para, agindo como causa/motor, obter o efeito esperado, o fim visado.

A produção (*poiésis*) orienta-se para um objetivo exterior ao agente: para a produção de uma obra. Segue normas fixas e um encadeamento previsível de causas/efeitos. É um processo linear indiferente ao tempo, ou às relações culturais de um dado grupo. Implica em clareza e rigor nos processos, em previsão dos efeitos possíveis, em normas, medidas e regras. “Imita” a natureza e se deixa transmitir por um adestramento capaz de desenvolver as habilidades do indivíduo, o que explica que escravos possam aprender e se destacar em sua arte como foi o caso, por exemplo, de um Phídias. Os efeitos da arte e sua excelência, se manifestam no produto, na obra realizada. Diz pouco ou nada sobre as qualidades morais do artista. E é na obra realizada que ela se esgota – “não se constrói a casa construída, nem se fecha a porta fechada”. A ação recomeça em nova obra, com nova matéria a que se impõe a forma concebida pelo artista.<sup>26</sup>

No entanto, Aristóteles afirma que o modo de vida dos humanos consiste mais propriamente na *praxis* do que na produção. A *praxis* pertence ao mundo dos homens, aos seus negócios (*ta prágmata*) Implica num aprendizado – bem diferente do adestramento da *techné*, pois pressupõe a liberdade, a capacidade de reflexão, deliberação e escolha. A *praxis* desenvolve no homem (livre) o que ele tem de mais propriamente humano. Seu efeito, ao contrario da *techné*, se faz sentir sobre o próprio agente, modifica-o, confere-lhe um caráter, uma “segunda natureza” que indica “quem” ele é. Desenvolve nele novas disposições, novos modos de agir, novas potencialidades, as virtudes. O homem é obra de si mesmo.

O exemplo da voz e da linguagem é aqui emblemático: Aristóteles afirma que, por natureza, nascemos com a voz, mas, ao contrario dos outros animais, devemos aprender a falar

---

<sup>25</sup> Sobre os conceitos de *praxis* e *techné* Cf. Bettencourt de Faria **Direito e Ética – Aristóteles, Hobbes e Kant** S. Paulo, Paulus, 2007

<sup>26</sup> A Idade Moderna é marcada pelo encontro entre a ciência, cultivada nos cursos fechados das Universidades e as Oficinas, onde as técnicas eram repassadas de mestre a aprendiz, dando nascimento à tecnologia.

nossa língua: a linguagem é aprendida, e é a posse da linguagem, seu domínio, que faz do homem um “animal político”.

A *práxis* é infinitamente mais complexa que a *techné*. O homem não nasce pronto: deve fazer-se homem e este aprendizado tem que ser retomado por cada um. Se a *práxis* implica necessariamente a presença da razão, não significa que pertença ao mesmo campo da ciência teórica. Seu campo é o da *doxa*, da opinião vigente, dos costumes, tradições e hábitos presentes em dada cultura<sup>27</sup> - *éthos*. *Ethos*<sup>28</sup> também é o caráter que se forma neste embate do indivíduo com os outros: o homem é um “animal político” que se faz homem em contato com seus semelhantes. Não é o campo da irracionalidade, mas escapa aos processos demonstrativos, e dedutivo analíticos.

A natureza do homem não corresponde a nenhuma “ideia” eterna, universal e necessária, nem se realiza espontaneamente e da mesma forma em todos os homens. Ela se atualiza progressivamente, se encontrar o ambiente favorável; se for para isto estimulada, se encontrar referenciais e modelos que possam lhe servir de guia, e testemunhar a medida justa. E, ao atualizar-se, revela a potência subjacente.

Mas, no mundo do homem são muitos os caminhos para se chegar a uma finalidade visada e a qualidade do fim não se transmite necessariamente aos meios para atingi-lo. Meios ilícitos e injustos podem ser eficientes e eficazes. Existe sempre a possibilidade de discrepância no valor moral dos meios e fins, o que não tem como ocorrer no plano da *techné*.

Entramos aqui na esfera da ética; saímos do campo da natureza em que os meios estão predefinidos dispensando a mediação da deliberação e escolha.

O mundo do homem, seu habitat, o *éthos*, é fruto de uma construção em grande parte arbitrária, como são arbitrários os nomes escolhidos para designar os entes deste mundo. Nem todos os homens vivem do mesmo modo, cultivam os mesmos valores, obedecem aos mesmos rituais, seguem os mesmos códigos. De tal forma que “até se acreditaria que só existem por convenção”.<sup>29</sup> Onde então encontrar critérios valorativos objetivos?

No âmbito da ética, s? para balizar a ação virtuosa, reconhecer o homem valoroso? No âmbito da política, como encontrar o fundamento que garante a articulação entre o legal e o justo? Aristóteles reconhece aí uma circularidade incontornável: virtude é a justa medida, aquela

<sup>27</sup> Para Platão a ciência não se distingue da opinião verdadeira e a dialética permite a passagem de um plano ao outro, depurando as opiniões e tornando-as mais claras em seus fundamentos. Aristóteles parece afastar-se dele nitidamente neste ponto. Se a dialética permite derrubar as opiniões falsas ela não é suficiente para fundamentar a ciência verdadeira.

<sup>28</sup> Aristóteles vale-se da semelhança entre as duas palavras, que se escrevem de forma diferente no grego, para delimitar o objeto de sua Ética. CF. Lima Vaz, **Escritos de Filosofia II**, S Paulo, Loyola, 1988.

<sup>29</sup> Aristóteles **E.N.1094b15**



segundo a qual, o homem virtuoso age; justiça é a dimensão social da virtude; a medida da coragem, meio termo entre a covardia e a temeridade, é dada pelo corajoso.

O homem tem no outro seu espelho. Referências e valores só são encontrados no próprio mundo dos homens, objeto de opinião e onde não se pode nem se deve esperar o rigor da ciência teórica cujo objeto é necessário.

A ética move-se no campo do contingente, da incerteza. A ordem eterna, universal e imutável da natureza oferece, é certo, um balizamento. Quando os limites da forma ou natureza são transgredidos, caímos no patológico, na ‘de-formação’, no monstruoso.

Porém, ao mesmo tempo, este balizamento é bastante flexível. O conceito de natureza se revela insuficiente para determinar uma ética. Há, no homem, algo que transcende os limites da natureza; algo que depende de sua decisão e escolha. Como Aristóteles afirma, o homem é o pai dos seus atos, tal com é o pai de seus filhos. Citando Eveno, refere-se a uma ‘segunda natureza’ a ser conquistada pelo homem, para que ele possa, enfim, tornar-se homem em plenitude. Não basta ser dotado de voz para saber falar; não basta ser dotado de “capacidade de julgar, inteligência e razão intuitiva”<sup>30</sup> para ser filósofo. As potências naturais devem desenvolver-se em disposições habituais (*hexis*) e estas em atos, para que a natureza humana se complete. Bárbaros são os homens que não desenvolveram em plenitude a natureza humana, tal como o fazem os gregos.

Pois a natureza é um *telos*, um ponto de chegada, mais que um ponto de partida<sup>31</sup>, é um horizonte, mais que um dado. “Com efeito, dizemos que a natureza é o que cada coisa é ao completar-se sua gênese, por exemplo, a de um homem, de um cavalo, de uma família.”<sup>32</sup> Lembrando sempre que é o Ato que revela a Potência.<sup>33</sup>

Para aproximar-se deste *telos*, deste fim, o homem deve desenvolver suas diversas potencialidades naturais: razão e sensibilidade, *logos* e *pathos*, harmonizando intelecto e desejo.

Mas seguir a própria natureza seria deixar-se guiar pela atração do prazer e a repulsa da dor, e neste caso, não conquistamos um *ethos* que identifique quem nós somos. Ficamos totalmente vulneráveis aos fatores exteriores e seríamos semelhantes a ‘camaleões’ reagindo a cada momento à situação que se apresenta segundo os parâmetros do prazer e da dor. E não

---

<sup>30</sup> Idem, 1143b 30

<sup>31</sup> Cf Aubenque, Pierre, ‘Aristote était-il communautariste?’ in *Problèmes Aristotéliens – Philosophie Pratique* Paris, Vrin, 2011

<sup>32</sup> Aristóteles, *Política* 1252b 30

<sup>33</sup> Nos seres compostos do ‘mundo sub lunar’ – imperfeitos - o ato não chega nunca a esgotar a potência. Apenas Deus é puro Ato sem potência.

seríamos em nada diferentes dos animais, pois nos distinguimos dos outros animais justamente pela consciência do que é justo ou injusto<sup>34</sup>

A natureza complexa do homem, tantas vezes assinalada por Aristóteles, impede que ela seja tomada como critério ético. O *ergon* próprio do homem é a atividade conforme a razão<sup>35</sup>, ou seja, aquela que não se deixa determinar apenas pelo impulso ou pelas tendências naturais, mas por virtude, pela decisão refletida. Mas, mesmo assim, como por exemplo, no caso do devasso (*akolastós*) ou mesmo no caso da habilidade (*deinotes*) a racionalidade não é o único critério pois não é necessariamente dirigida intencionalmente ao Bem. Um criminoso pode agir racionalmente e, em função de deliberação e escolha atingir o fim (mau) a que se propõe. É preciso, portanto, que o *logos* seja um *orthos logos*. Uma qualificação moral da própria racionalidade que articula meios e fins.

“Assim, portanto, não é por natureza nem contra a natureza que as virtudes nascem em nós, mas a natureza nos deu a capacidade de recebê-las e esta capacidade amadurece pelo hábito”<sup>36</sup>

Vê-se então o papel fundamental desenvolvido pela prudência (*phronesis*) que é o elo entre as virtudes morais, virtudes do caráter, cuja matéria é o *pathos*, e a razão. A prudência é uma virtude do intelecto, mas do intelecto prático, aquele que dirige a ação no concreto. É a capacidade de escolher os melhores meios para chegar aos melhores objetivos. É mais que habilidade, embora não a dispense, pois não é indiferente ao fim. Como, no âmbito da *práxis*, a menor distância entre a intenção e o ato raramente é uma reta, a prudência guia o homem no labirinto da vida para que ele alcance o bem universalmente visado, a *endaimonia*. Neste ‘tatear’ encontra apoio nas referências, nos exemplos, nas tradições e valores; na *doxa* vigente, devidamente submetida ao processo crítico da dialética.

O homem tem a capacidade de conquistar o que não lhe foi conferido pela própria natureza. É Prometeu, roubando o fogo sagrado e conquistando um poder inédito. E este poder hoje, torna-se uma ameaça, como alerta Jonas, pois “tudo isto se transformou de forma decisiva. A técnica moderna introduziu ações de uma ordem de grandeza tão inédita, com objetos e consequências tão inéditos que o quadro da ética anterior não pode mais contê-los”<sup>37</sup>. O agir coletivo assumiu tal amplitude que impõe à ética uma nova dimensão da responsabilidade, antes inconcebível. Fica aqui a questão: A atualização deste poder não estaria revelando o potencial

<sup>34</sup>idem, 1253 a 15

<sup>35</sup> Idem. E.N.1099<sup>a</sup> 15

<sup>36</sup> idem, E.N. 1103 a 25

<sup>37</sup> Jonas Hans, **O Princípio Responsabilidade**, Rio, Contraponto-PUCRio, 2006

humano muito além do jamais previsto? Não teremos aqui que repensar o que é propriamente o Homem?

Antes mesmo que a questão tivesse assumido a atual dimensão, a ética de Aristóteles já havia sido literalmente solapada em seus alicerces.

O fim da cristandade com a Reforma, aliada à crise da Escolástica; o advento do novo método científico com Bacon, Copérnico e Galileu; o advento do Sujeito, com o *cogito* cartesiano; a busca de novo método para a Filosofia que alcançasse a certeza e demonstrasse rigor, com Hobbes e Descartes; a contestação do geocentrismo, e a descoberta do Novo Mundo, enfim, marcam o fim de uma era em que a autoridade de Aristóteles (“O Filósofo”) se impunha de forma incontestada (tanto na Física como na Ética).

Hobbes traça um novo retrato do ser humano, não baseado numa Metafísica mas na experiência concreta, substituindo o “animal político” aristotélico pelo “homem lobo do homem” cujo fim último é a sobrevivência a qualquer custo; que vê no outro uma ameaça potencial e tem, nas paixões, a força que o comanda. Inútil buscar controlar as paixões com a razão: as paixões só cedem a uma paixão maior e o medo toma então o lugar da *philia* aristotélica – a solidariedade daqueles que se sabem unidos por um destino comum.

Bacon critica o conhecimento puramente teórico, contemplativo e inútil da antiga Metafísica e estabelece um novo objetivo para a ciência exclusivamente baseada na experiência e na observação controlada: dominar a natureza e colocá-la a serviço das intenções humanas. Seu método visa libertar a humanidade dos “ídolos” da tribo (da raça humana, da superstição), da caverna (a subjetividade), do foro (a comunicação) e do teatro (os falsos sistemas filosóficos) e das noções falsas que obscurecem o intelecto humano.

Descartes delineou o novo Método para a Filosofia: desconstruir para reconstruir com rigor e sobre novo fundamento, o *cogito*. Passar do complexo ao simples, do obscuro ao claro, do confuso ao distinto; só obedecendo aos critérios imanentes da evidência e da clareza que alicerçam as certezas será possível alcançar A Verdade.

Com seu método, propôs-se delinear uma nova moral, mas ficou apenas na promessa.

Kant, enfim, propõe a Moral da idade moderna. A Moral ditada exclusivamente pela Razão e que não obedece a outra motivação senão o estrito cumprimento do dever.

Descartes reintroduz o dualismo com a rigorosa separação entre a substância pensante e a substância extensa. Desta última é retirada toda dimensão teleológica – ideia confusa e obscura, impossível de ser detectada seja pelo rigoroso método matemático seja pela experiência estritamente controlada e medida. Os novos métodos da ciência nascente e da Filosofia são cegos para a teleologia. Só as causas mecânicas passíveis de medida, previsão e cálculo, importam.

Essa natureza regida por uma mecânica cega não oferece mais o quadro capaz de oferecer parâmetros ao comportamento. O abismo entre o mundo da natureza, objeto das ciências ‘positivas’ e o mundo do homem (mundo da cultura, do pensamento, da subjetividade) se aprofunda de tal forma que desaparece o elo entre fato e valor, entre Ser e dever ser.

A *praxis* é assimilada à *techné*; a opinião (*doxa*) não pode mais ser tomada como fonte do conhecimento, sabedoria ancestral portadora de uma verdade a ser melhor explicitada. É expulsa do campo da ciência por falta de rigor, e igualmente do campo da Filosofia: “Aquilo que até hoje foi escrito pelos filósofos morais em nada avançou no conhecimento da verdade (...) entre os autores daquela parte da Filosofia nunca houve um que adotasse um princípio adequado para tratá-la”<sup>38</sup> Quando muito pode ser tomada como objeto de estudo de uma antropologia ou de uma psicologia.

A Ética aristotélica é considerada confusa, pouco rigorosa – “Não existe fim último nem *summum bonum* de que se fala nos livros dos antigos filósofos morais”<sup>39</sup>; Aristóteles é chamado por Bacon de “pior dos sofistas”; Descartes, como depois dele, Kant, apostam, contra Aristóteles, na possibilidade de isolar a razão das paixões e de decidir apenas segundo o que a primeira determina. A moral tradicional para o mesmo Kant, limitou-se a formular “leis indulgentes que fazem concessões às fraquezas humanas”. A busca da felicidade, objetivo último da ética aristotélica, não pode fundamentar leis universais por estar marcada pela subjetividade. E “A natureza e a inclinação não podem dar leis à liberdade”<sup>40</sup>.

A Retórica, arma capaz de conseguir a adesão por meio da argumentação, concebida “como lógica dos juízos de valor”<sup>41</sup> é desvalorizada como lógica do meramente aparente, sofisticada. (E será recuperada de forma bastarda pelo ‘marketing’ político ou comercial.) “A partir do momento em que se acredita que a razão, a experiência ou a revelação podem resolver todos os problemas (...) a retórica fica reduzida a um conjunto de procedimentos para enganar os ignorantes”<sup>42</sup>

O espaço da *praxis*, é o da complexidade e da incerteza, e demanda a deliberação e a escolha. Espaço em que se move o homem com todas as suas vulnerabilidades, onde a retórica desempenha um papel central na conquista de adesões. Encontra referência nas tradições e costumes, nos exemplos e na cultura, lida com o imponderável, com a complexidade das causas e motivações de toda ordem, tanto psicológicas e subjetivas quanto políticas, financeiras, culturais,

<sup>38</sup> Hobbes, **Do Cidadão**, S Paulo, Ed. Martins Fontes, 2002- Epístola Dedicatória

<sup>39</sup> Idem, **Leviatã**, S Paulo, Abril Cultural –Col. Os Pensadores, 1974 – cap XI

<sup>40</sup> Kant, I. **En torno al tópico: Tal vez eso sea correcto en teoría, pero no sirve para la práctica** in **Ensayos sobre la paz, el progreso y el ideal cosmopolita**, Madrid, Cátedra, 2005.

<sup>41</sup> Perelman, Chaïm e Olbrechts-Tyteca, Lucie **NouvelleRéthorique: Logique et Réthorique** in Lempereur, Alain, **L’Homme et la Réthorique**, Paris, Méridiens Klincksieck, 1990

<sup>42</sup> Idem *ibidem*

históricas e geográficas. A clareza, a nitidez e o rigor são inalcançáveis em muitos pontos; o confuso é irreduzível. Como diz Aristóteles, podemos apenas pretender acertar “em grandes linhas”; “tatear” em busca do melhor; “tangenciar” a verdade.

Para o pensamento moderno, por sua vez, o recurso aos costumes e tradições, ao *ethos*, “obriga o homem a confiar na opinião e na autoridade alheias”<sup>43</sup> mantém-no na “menoridade” como assinala Kant, ou constitui a prisão sem grades de Rousseau.

A lógica linear cartesiana ou a experimentação que delimita um campo e visa isolar a causa e calcular o efeito não conseguem dar conta da complexidade do real que demanda uma abordagem em rede, uma rede semelhante à rede neuronal, plástica, flexível capaz de ampliar seu olhar dirigido pela prudência, para lidar com a complexidade sem reduzi-la ou amputá-la.

A prudência, a virtude “humana por excelência”<sup>44</sup> que exercia um papel central na ética aristotélica estabelecendo a ligação entre a objetividade do intelecto e a subjetividade das paixões, guiando o homem em seu “tatear” em busca dos melhores meios para chegar aos seus fins, é reduzida a simples acúmulo da experiência vivida por cada um. Portanto relativizada, válida apenas no âmbito da subjetividade.<sup>45</sup>

A nova ética que se desenha na Idade moderna consagra o princípio da reciprocidade, designado como “Regra de Ouro” da moral: “Não faças aos outros o que não queres que te façam” um princípio racional, imanente, pragmático, que permite estabelecer os limites a serem observados pelos homens para que a situação de “guerra de todos contra todos” seja evitada<sup>46</sup>.

Para Hobbes, o ideal abstrato da virtude e da felicidade cede de fato seu lugar à luta concreta pela auto preservação: a grande questão não é mais, “como agir para tornar-se virtuoso?” mas “como agir para garantir a própria sobrevivência e segurança?” A Política não está mais a serviço da justiça, mas da paz compreendida apenas como a ausência, controle ou repressão da violência natural. E, para conseguir mantê-la sustenta-se em “terrível poder” capaz de inspirar o medo, única paixão que pode colocar um freio às demais.<sup>47</sup>

A moral Kantiana, enfim, consagra a universalidade da Razão Prática e a obediência ao dever, ditado por esta mesma razão, como o único critério que respeita a autonomia a que faz jus o ser humano. A Razão capaz de dirigir o comportamento através de um ‘imperativo’ imune aos afetos, desejos e paixões (à subjetividade, portanto) oferece o fundamento necessário para alicerçar a ética da autonomia do sujeito, o que lhe confere a dignidade de ser sempre um fim em

---

<sup>43</sup> Idem ibidem

<sup>44</sup> Aubenque, Pierre **La Prudence chez Aristote**, Paris, PUF 1997

<sup>45</sup> A Prudência aristotélica não se identifica ao Princípio Precaução: é assertiva, afirmativa; é a busca da melhor alternativa possível.

<sup>46</sup> Encontramos referência à Regra de Ouro tanto em Locke, como em Hobbes e mesmo em Kant, como uma das fórmulas do Imperativo Categórico.

<sup>47</sup> CF. Bettencourt de Faria **Direito e Ética – Aristóteles Hobbes e Kant** S.Paulo, Paulus, 2007

si mesmo, nunca um meio ou um objeto. “A razão pura é por si mesma prática, facultando ao homem uma lei universal que denominamos lei moral.”<sup>48</sup> O homem que se deixa mover pelo desejo é movido por algo que não lhe pertence – o objeto do seu desejo. Fica, portanto numa situação de heteronomia. O comportamento regido pela prudência também não escapa desta heteronomia: submete-se à situação, às circunstâncias; obedece ao interesse, subordina-se a fins. Só o homem movido pela consciência do dever ditado pela própria razão age por si mesmo, de forma autônoma, isto é, livre. A prudência é excluída do campo da moralidade, reduzida a um ‘imperativo hipotético e pragmático’.

A Moral e o Direito vigoram apenas no mundo do homem, regulam as relações entre eles, as máximas, normas e leis que se impõem igualmente a todos preservando a autonomia e liberdade de cada um, compatibilizando entre si as diversas liberdades. A Moral fica restrita ao que Kant designa como *foro interno* enquanto o Direito atua no *foro externo*. Ambos encontram seu fundamento/justificação na Liberdade e, portanto, na igualdade de todos perante a lei. As restrições à liberdade só poderiam ser legitimadas pela necessidade de preservar para todos, a mesma liberdade.

Ora, quando não está em jogo outra liberdade – como, por exemplo, na relação homem/natureza – este princípio da moral kantiana não vigora.

Da mesma forma, Kant afirma que os direitos são correlativos aos deveres e só são conhecidos a partir deles. Logo, onde não há deveres, não se pode também falar em direitos. Essa reciprocidade, característica marcante das éticas modernas, desaparece nas relações entre o homem e a natureza; entre a geração atual e as gerações futuras; como entre o adulto e a criança ou, como assinala Jonas, entre os pais e o recém-nascido. E neste vácuo deve introduzir-se o novo princípio responsabilidade.

A Ética de Aristóteles também supõe o mundo do homem; regula as relações entre eles, com vistas a uma convivência justa, que abra espaço e ofereça as condições para que o homem conquiste a felicidade ao seu alcance. As referências, critérios e valores, são também inerentes ao mundo do homem. As relações homem/natureza não podem sequer aparecer como objeto de questionamento: o homem nada pode diante da ordem natural, eterna e imutável, capaz de renovar-se, superando e compensando possíveis falhas e desvios. Diante da natureza, restam ao homem a contemplação, a curiosidade, e a imitação. A natureza é a grande mestra; o homem, com suas artes, tenta imitá-la em sua sabedoria imanente mas nunca, por impossível, dominá-la.

Compreende-se assim a dificuldade reconhecida por Jonas, de enfrentar os desafios atuais valendo-se de filosofias ou éticas elaboradas em outra época, em outro contexto e em vista de

---

<sup>48</sup> Kant, I. **Crítica da Razão Prática**, Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

outras problemáticas. Impossível retornar simplesmente a Aristóteles: tanto o conceito de *physis* como o conceito de *ethos* foram profundamente alterados. Impossível estender o imperativo kantiano às relações dissimétricas do homem com a natureza, ou da geração atual com a geração futura nem podemos invocar a equidade aristotélica, essa “justiça acima da justiça” – reduzida por Kant a “divindade silenciosa que não pode ser ouvida”.

A “heurística do medo” diante da ameaça real à sobrevivência do planeta nos devolve a Hobbes: só o medo atua como freio das paixões humanas. Este medo, que para Hobbes, era imposto pelo poder absoluto do Leviatã, decorre hoje das ameaças reais, das conseqüências nefastas que se anunciam no horizonte, caso uma nova ética não consiga encontrar os meios de frear essa verdadeira ‘marcha da insensatez’.

A diferença entre o medo e a prudência está em que o primeiro se move no âmbito do *pathos*, da vulnerabilidade humana que se deixa afetar pelo mundo exterior, pelos atos, sentimentos e até pelo olhar do outro. A segunda mobiliza as potências racionais: a capacidade de refletir, de pesar, de medir e comparar. Serve-se e precisa da ciência teórica, do conhecimento objetivo para ter clareza quanto aos fins e aos meios disponíveis para atingi-los. Faz a ponte entre o ser e o dever ser, entre o fato e o valor, entre a ciência teórica e a sabedoria prática.

E o medo deve suscitar o desenvolvimento da prudência.

Apesar de sua articulação com a ciência teórica, em virtude de ser uma virtude “da parte da alma que possui o intelecto”, a prudência, ao dirigir a ação, se conecta ao tempo e ao lugar, à ocasião, às relações e forças em jogo, para encontrar o melhor caminho; vale-se da opinião, das tradições, da retórica mas não dispensa as virtudes morais. “Se não há prudência sem virtude moral também não há virtude moral efetiva sem prudência”<sup>49</sup> É a virtude que falta a Dom Quixote.

Aristóteles faz questão de assinalar que a prudência é mais do que um simples acúmulo de experiências vividas, assim como se distingue da habilidade e da esperteza, embora não as dispense.

A prudência (*phronesis*) é a virtude que nos permite atingir o maior bem ao nosso alcance em dado momento. Não há como compreendê-la se não tivermos em vista o Bem como fim visado.

Esse Bem não é uma ideia (seja no sentido platônico, seja no sentido kantiano) mas *telos*, termo da ação, plenitude possível, horizonte à distância a nos invocar (o que era para ser – *to tí em einai*)<sup>50</sup> “A natureza nada faz em vão”; “A natureza nada faz contra a natureza”. A natureza não é um dado, é um *telos*, e não é fruto de um acaso cego, mas de uma finalidade visada. É motor por

<sup>49</sup> Aubenque, **La Prudence chez Kant op. Cit.**

<sup>50</sup> Cf Bettencourt de Faria op.cit.

ser fim. Tende a realizar-se; tende a renovar-se para preservar-se. E, como mostra Jonas, tem direito a ser o que é, a continuar existindo e, portanto, a renovar-se e reproduzir-se.

Ouçamos Jonas: “...uma vez que a matéria manifestou-se desta forma, isto é, que ela efetivamente organizou-se desta maneira e chegou a estes resultados, o pensamento não pode deixar de fazer-lhe justiça reconhecendo a possibilidade de que o que ela chegou a realizar está depositado em sua natureza primitiva”<sup>51</sup>

A evolução das espécies ignorada por Aristóteles, altera profundamente a visão da *Physis* eterna e imutável em seu processo de renovação. O futuro não nos remete mais ao passado. O tempo linear tomou o lugar do tempo cíclico do eterno retorno. Esta evolução, que culminou no ser humano aponta para um futuro aberto e os graus progressivos de liberdade de ação e poder conquistados colocam em risco a própria existência. “Tão constitutiva para a vida é a possibilidade de não ser que o seu ser é, como tal, essencialmente um estar suspenso sobre o abismo.”

Se não há uma ruptura radical entre o inorgânico e o orgânico, como entre a matéria e o ‘espírito’, se, no plano do orgânico a teleologia é resgatada e incorporada ao acervo de princípios científicos por Hans Jonas, podemos esperar uma reabilitação da virtude da *phronesis* que se estenderia agora para muito além do mundo do homem (*ta andrôpina*), para o mundo da *Physis* e faria o contraponto com a ‘heurística do medo’.

A Ética aristotélica colocou o homem como responsável por seus atos, tal como o pai em relação a seus filhos. Os novos poderes que a tecnologia colocou em suas mãos estenderam infinitamente suas responsabilidades, não só sobre seus atos como sobre as consequências dos mesmos. Não só para os parceiros e próximos com quem interage no seio de uma comunidade, mas para com as gerações futuras; não só para a Polis, seu habitat mais imediato, mas para o planeta como um todo.

E esta extensão da responsabilidade, para muito além da reciprocidade, amplia o espectro das questões onde a prudência mais do que nunca se faz necessária. Aceitar lidar com o imponderável, conformar-se a uma “lógica da incerteza” exige a revisão permanente de nossas “certezas”. Vivemos num mundo pluralista onde a convergência de tradições e valores se perdeu. Donde a necessidade de se lançar mão de outros recursos que não provêm da ciência e da tecnologia, mas da *práxis*, para tentar fazer com que nos aproximemos não do *Summum Bonum*, mas do bem ao alcance de nossos atos, iluminados embasados pelo conhecimento teórico, mas balizados pela prudência e a responsabilidade.

---

<sup>51</sup> Jonas, Hans **O princípio Vida**, op.cit.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARISTÓTELES, **Política** Madrid, Instituto de Estudios Políticos, 1951

----- **The Progression of Animals** – The Complete Works of Aristotle Ed. Jonathan Barnes, – EUA Princeton University Press, 1985

----- **Ethique a Nicomaque** Paris, Vrin,1983

AUBENQUE Pierre: **Um modèle aristotélicien pour l'eco-éthique** in **Problèmes Aristotéliens**, Paris, Vrin,2011

----- **La Prudence chez Aristote**, Paris, PUF 1997

----- **Un modèle aristotélicien pour l'eco-éthique** in **Problèmes Aristotéliens**, Paris, Vrin,2011

----- **Aristote était-il communautariste?** in **Problèmes Aristotéliens – Philosophie Pratique** Paris, Vrin, 2011

----- **La Prudence chez Kant**, Revue de Métaphysique et de Morale, 80<sup>e</sup>. Année, N°2,(Avril-Juin 1975) pp.156-182. PUF

BETTENCOURT DE FARIA, Maria do Carmo **Direito e Ética – Aristóteles Hobbes e Kant** S.Paulo, Paulus, 2007

----- **Ética do Bem ou Ética da Prudência** – Seminário Sênior IFCS/UFRJ, setembro 2013 (inédito)

JONAS, Hans: **O Princípio Vida – Fundamentos para uma biologia filosófica**, Petrópolis, Vozes, 2004

----- **O Princípio Responsabilidade**, Rio, Contraponto-PUCRio, 2006 – Prefácio.

HOBBS, **Do Cidadão**, S Paulo, Ed. Martins Fontes, 2002- Epístola Dedicatória

----- **Leviatã**, S Paulo, Abril Cultural –Col. Os Pensadores, 1974 – cap XI

KANT, I. **Crítica da Razão Prática**, Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

----- **En torno al tópico: Talvez eso sea correcto en teoria, pero no sirve para la práctica** in **Ensayos sobre la paz, el progreso y el ideal cosmopolita**, Madrid, Cátedra, 2005.

KIRK E RAVEN **Os Filósofos Pré Socráticos**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian /1979/

LIMA VAZ, **Escritos de Filosofia II**, S Paulo, Loyola, 1988.

PERELMAN, Chaim e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie **Nouvelle Rhétorique: Logique et Rhétorique** in LEMPEREUR, Alain, **L'Homme et la Rhétorique**, Paris, Méridiens Klincksieck, 1990

POPPER, K. **O Mundo de Parmênides**, S Paulo, UNESP, 2014